



QUESTÕES ÉTICAS DAS REDES SOCIAIS ONLINE NA ÁFRICA¹

Rafael Capurro

Doutor em Filosofia pela *Universität Düsseldorf*, Alemanha. Professor da *Universität Stuttgart*, Alemanha.

E-mail: rafael@capurro.de

Resumo

Questões éticas de Redes Sociais Online (RSO) estão no centro do debate sobre as sociedades da informação. Assim, a partir de uma perspectiva ética das RSO, estuda-se como os africanos livremente moldam suas identidades no mundo cibernético e como as RSO influenciam a sua vida no mundo físico. Apresenta um breve relato sobre as RSO na África. Enfoca as RSO a partir de uma perspectiva fenomenológica e ética. Nessa perspectiva, atenta para o papel da Rede da África para a Ética da Informação e do recém-criado Centro de Excelência para a Ética da Informação na África da Universidade de Pretória que visam contribuir para a construção de uma comunidade de pesquisa em ensino de informação e questões éticas na África.

Palavras-chave: Ética. Redes Sociais Online. Redes Sociais Online na África.

"Oh ostras, venha caminhar com a gente!"

A morsa suplicava.

"Um passeio agradável, uma conversa agradável,
Ao longo da praia salgada

[...]

"Oh ostras", disse o carpinteiro,

"Você fez uma corrida agradável!"

Vamos trotar para casa novamente?"

Mas a resposta não veio -

E isto foi muito estranho, porque

Eles tinham comido cada um".

Lewis Carroll, *Através do Espelho*, p. 234-236.

1 INTRODUÇÃO

Questões éticas de Redes Sociais Online (RSO) estão no centro do debate sobre as sociedades da informação livres e justas (MATURANO, 2011). As seguintes perguntas em relação a RSO na África me vem à mente: Quais são as condições históricas e culturais subjacentes a este debate na África? Quais são as práticas boas e ruins de RSO na África até o momento? Como meios de comunicação em massa, em conjunto com as RSO e outros meios

¹ Versão original publicada em língua inglesa sob o título *Ethical issues of online social networks in Africa*, constante dos Anais da Conferência *The Africa Network for Information Ethics (ANIE)*, realizada na África do Sul no período de 3 a 7 de setembro de 2012.

Tradução e revisão para a língua portuguesa realizada por Jorge de Oliveira Gomes – Professor do Departamento de Administração da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

digitais interativos, influenciam os movimentos sociais e políticos na África? Qual é o impacto das RSO em outros países e culturas fora da África sobre as sociedades africanas? E, por último, mas não menos importante, quais são os valores éticos em jogo quando as pessoas africanas desenvolvem e usam as RSO? Estas perguntas abordam campos grandes e importantes de pesquisa sobre ética da informação e suas práticas na África. Assim, o que se segue é uma modesta contribuição para alguns destes pontos levantados (MUTULA, 2013, no prelo).

A partir de uma perspectiva ética das RSO, estuda-se como os africanos livremente moldam suas identidades no mundo cibernético e como as RSO influenciam a sua vida no mundo físico, com o qual estão interligados. No tocante à liberdade, eu a defino como o potencial aberto para indivíduos e grupos de esconder e revelar-se, o seu eu, em diferentes contextos e para diferentes fins, sendo, portanto, capaz de moldar quem eles são, foram e querem ser (CAPURRO et al., 2013, no prelo). A questão da liberdade da informação e comunicação tem uma história muito antes das tecnologias digitais surgirem. O atual debate ético, social, técnico e jurídico sobre as RSO diz respeito às diferentes possibilidades para a participação das pessoas na vida política e cultural, usos e abusos de poder do Estado, bem como as mídias sociais em nós mesmos como indivíduos e como sociedade (BUCHMANN, 2012). Dados pessoais digitais permitem o controle e a manipulação dos cidadãos e clientes com base no que eles escondem ou revelam em redes digitais, mas também podem ser usados por pessoas para se apoderar no mundo cibernético para melhor moldar suas vidas (NISSENBAUM, 2010; NAGEL; RATH; ZIMMER, 2012). Esta ambiguidade ética é baseada no imperativo popular: "tudo comunicam o tempo todo para todos!", que permite que algumas RSO disfarçam suas ambições econômicas com promessas de uma vida fácil e transparente, ao custo de usar essas informações para fins não divulgados, sem o consentimento explícito dos usuários.

Por este contexto, neste artigo apresento um breve relato sobre as RSO na África e seus negócios. Em seguida, abordo as RSO a partir de uma perspectiva fenomenológica e ética. Nesse sentido, chamo atenção para o papel da Rede da África para a Ética da Informação (The Africa Network for Information Ethics - ANIE) e do recém-criado Centro de Excelência para a Ética da Informação na África (Africa Center of Excellence for Information Ethics ACEIE) da Universidade de Pretória como duas plataformas importantes para a construção de uma comunidade de pesquisa em ensino de informação e questões ética na África.

2 RSO NA ÁFRICA

O potencial de indivíduos e grupos para conceber e se revelar livremente em diferentes contextos e para diferentes fins no mundo cibernético não é apenas uma questão de proteção de dados, mas diz respeito à questão da própria liberdade. Questões de publicidade, privacidade e proteção de dados na África, a partir de uma perspectiva ética, foram tratados no Workshop sobre Ética da Informação na África e e-Government realizada no período de 23 a 27 de Fevereiro de 2009 em Mount Grace, Magaliesburg, África do Sul. Este workshop, sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), foi organizado pela Universidade de Pretória, pela Universidade de Wisconsin-Milwaukee (EUA) e pelo Centro Internacional de Ética da Informação (International Center for Information Ethics - ICIE), sob patrocínio do Departamento de Comunicações da África do Sul².

Quão espalhadas estão as RSO na África atualmente? Naturalmente, esta pergunta pressupõe uma compreensão sobre o que são as RSO. Para o momento, é suficiente pensar as

² [Country reports](#) de Botswana, Eritrea, Swaziland e South Africa.

RSO como redes que lidam com todos os tipos de interação social que acontecem no mundo cibemético. Ao falar sobre as RSO geralmente pensamos em serviços de redes sociais como o *Facebook* ou o *Twitter*, assim como nas opções oferecidas por telefones celulares para usar tais serviços. Por este contexto, demonstro o que está acontecendo na África sobre estas questões.

Em seu artigo *A social media boom begins in Africa: using mobile phones, Africans join the global conversation*, André-Michel Essoungou (2010a) escreve:

Nos últimos meses o Facebook - a maior plataforma de mídia social em todo o mundo e atualmente o site mais visitado na maior parte da África - tem tido um crescimento enorme no continente. O número de usuários africanos no Facebook agora está em mais de 17 milhões, contra 10 milhões em 2009. Mais de 15% das pessoas on-line na África estão usando a plataforma, em comparação com 11% na Ásia. Dois outros sites de redes sociais, Twitter e YouTube, estão entre os sites mais visitados na maioria dos países africanos.

No site *oAfrica*³, empenhado em explorar a dinâmica da mídia digital na África, Tim Katlic salienta que temos de lidar cuidadosamente com os dados, particularmente em relação ao *Facebook*.

Afinal, a informação do perfil no Facebook é essencialmente uma pesquisa em si. Quando solicitado, mediante inscrição, a maioria dos usuários fornece um país de residência. É claro, os endereços não são validados por isso não há como saber exatamente quem vive onde. Por exemplo, muitos migrantes informam seu país de nascimento em sua conta - aqui reside a nebulosidade dos dados do Facebook. Ainda assim, a evidência empírica sugere que a maioria dos usuários é honesta ao listar sua localização geográfica, mas provavelmente existem mais usuários do Facebook do que os dados sugerem.

A adoção do Facebook na África, embora crescente dentro da maioria das nações, no momento, está começando a diminuir nos países mais desenvolvidos. Mesmo que as taxas de crescimento de usuários do Facebook fique torno de 25% ao ano, poderiam se passar dez anos até que o Quênia chegue aos 30% da população no Facebook. Em 17 meses a taxa do Quênia usuário do Facebook passou de 2% para 3%. Na África do Sul é perto de 10%, após a taxa anterior de 7%. Esta taxa de crescimento de 50% ao longo de 17 meses para o Quênia e África do Sul [...] sugerem que existem desafios enfrentados nas grandes nações para tornar a Internet acessível e conectar as áreas rurais. Além disso, mesmo quando o acesso à Internet está disponível, nem todo mundo quer usar o Facebook (KATLIC, 2012).

De acordo com Katlic (2012), o maior número de usuários do Facebook, que sempre tem correlação com a maior população, está no Egito (9,4m), na África do Sul (4,8 milhões) e na Nigéria (4,4 m).

Mutua (2011) expõe em *Africa Facebook Phenomenon Nigeria, Kenya, South Africa* que

O Facebook tornou-se um fenômeno significativo entre os jovens Africanos. No Quênia, não é raro encontrar jovens andando por aí ou sentados em matatus colados a suas telas de celulares, não lendo mensagens de texto ou discando, mas seguindo os acontecimentos em seu universo de amigos do

³ Site *oAfrica*. Disponível em: <http://www.oafrica.com/statistics/facebook-user-growth-rates-in-africa-jun-e-2010-december-2011>.

Facebook. [...] Do que nós verificamos, poderemos concluir que o Facebook é definitivamente o lugar para ir ao alcance da juventude urbana da África. Em média, a faixa etária entre 18 e 25 anos representa a maior parte da população da África no Facebook, o que parece bastante razoável, dado o fato de que esta é a geração que está sendo exposta à Internet e a World Wide Web atualmente, é também uma boa quantidade da população geral da África, que é educada, urbanizada e altamente exposta ao mundo moderno.

Sebastian Seibt observa no relatório intitulado *First Twitter map of Africa reveals a connected continent* produzido pela empresa *Portland Communications* e da plataforma de mídia *Tweetminster*, que este mapa "revela um continente conectado" onde não há "um país em toda a África, onde o *Twitter* não é usado" (SEIBT, 2012).

Desta forma, segundo Essoungou (2010a), é através do uso de telefones celulares que "os africanos se juntam à conversa global".

Erik Hersman, um proeminente blogueiro social das medias, Africano e empresário que ajudou a impulsionar o desenvolvimento da inovadora plataforma *Ushahidi* (ver *Jovens Africanos colocam a tecnologia a novos usos*), é igualmente entusiasmado. Em um e-mail para a *Renovação Africana*, ele observa que "com a penetração da telefonia celular já elevada em todo o continente, e como chegamos a massa crítica com o uso da *Internet* em alguns dos principais países da África (Quênia, África do Sul, Gana, Nigéria, Egito) [...] uma mudança sísmica vai acontecer com serviços, produtos e informações.

Mas, como sublinha Essoungou, os 100 milhões de usuários da *Internet* no final de 2010 na África - e de cerca de 140 milhões no final de 2011 -, com uma penetração de 13,5% da população⁴, - constituem apenas uma pequena percentagem dos 2,2 bilhões de pessoas *online* em todo o mundo (ESSOUNGOU 2010a). Hoje, cerca de 32,7% da população mundial está *online*.

Os telefones celulares são uma excelente ferramenta para empoderar os africanos. Essoungou (2010) relata que:

Ms. Okolloh, junto com quatro jovens blogueiros do Quênia, lançou o site *Ushahidi*⁵, um fórum de comunicação que permite que os usuários denunciem casos de violência por meio de mensagem de texto, e-mail ou na web, e para retratar a informações sobre um mapa online. A fim de garantir a confiabilidade, um membro da equipe usou fontes do governo, grupos de ajuda "de informações e relatórios de imprensa para verificar eventos submetidos a *Ushahidi* ("testemunho" em *suáli*).

Para ratificar o atual papel das RSO na África, aponto para o evento *Social Media World Africa 2012* uma reflexão realizada durante a Convenção ocorrida no *Sandtom Centre*, em Joanesburgo, no período de 10 a 13 setembro de 2012 que:

Trata-se de um evento dedicado à mídia social na África. É uma conferência estratégica de dois dias, configurando-se como vitrine de tecnologia. A

⁴ *Internet World Stats*, Disponível em: <http://www.Internetworldstats.com/>.

⁵ *Ushahidi*, Disponível em: <http://www.ushahidi.com/>.

conferência apresenta marketing sênior dos estudos de caso das maiores marcas como a última inovação em mídia social e excelência⁶.

Assim, vale ressaltar o interesse da indústria em geral e da indústria de tecnologia da informação (TI), em especial, como um importante indicador da relevância das RSO para as sociedades africanas.

3 QUESTÕES ÉTICAS DAS RSO

"Por que esperamos mais da tecnologia e menos do outro"? Minha tentativa de resposta a esta pergunta - eu estou adicionando o ponto de interrogação - criada por Sherry Turkle em seu livro *Alone Together* (TURKLE 2011) é que as culturas ocidentais, desde a modernidade, perderam a capacidade de compreensão de nós mesmos, e de nós mesmos como seres sociais que compartilham um mundo comum, reconhecendo, estimar e respeitar uns aos outros - juntamente com os fenômenos negativos correspondentes - bem como da valorização e troca de todos os tipos de bens e serviços que se originam no social na nossa partilha de um mundo comum. O valor que atribuímos às coisas está fundamentado na valorização social recíproca. Em vez de perguntar quem somos, estamos acostumados a pensar em termos do que nós somos. Pensamos então em nossa identidade como uma substância permanente ou como um assunto - ambos os conceitos nos levam de volta ao conceito grego de *hypokeimenon* e o *subjectum*, do Latim - que pode ser definido, valorizado e tratado como uma coisa. Uma consequência da compreensão de nós mesmos, desta forma, isto é, que ao confundir o *quem* com o *que se é* - estar a sós juntos, tanto no mundo físico quanto no mundo cibemético.

Mas e se pensarmos sobre nós mesmos como sendo originalmente juntos, compartilhando um mundo comum? E se nós não compreendermos a nós mesmos como seres isolados dentro da nossa consciência, em nossos cérebros, separados do chamado "mundo exterior"? E se entendermos o nosso ser no mundo, valorizando uns aos outros, o que faz com que cada um de nós seja único em nossas capacidades? E se entendermos nossas relações mútuas não como meras interações entre agentes neutros digitais, mas como uma interação de pessoas livres? E se entendermos a diferença entre o que somos e o que consideramos e/ou nos revelarmos aos outros como residentes no núcleo da liberdade humana? Se, então, olharmos para o mundo atual globalizado digitalmente ou cibernético, não é difícil ver que em um mundo, que não é apenas o ciberespaço, nós, ou seja, nós mesmos, somos representados por listas de *bits*. Com base em tais seres reificados como listas de *bits*, novas formas de interação para o reconhecimento individual e social são habilitadas, tendo um impacto não só sobre o que somos, mas também sobre o que somos capazes de produzir e avaliar, tanto no mundo físico quanto no digital (CAPURRO et al., 2013). Por este contexto, denomino esta interação de reconhecimento mútuo e de estimativa através do qual podemos construir e compreender semelhanças e diferenças em identidades individuais e sociais da interação cultural. Prestar atenção às diferenças culturais, então, não é apenas uma questão de descobrir mais ou menos diferenças relevantes sobre quem somos, que poderia ou mesmo deveria ser ultrapassado por algum tipo de grande teoria filosófica transcultural a ser aplicada a qualquer momento e em qualquer lugar. Ao invés disso, constroem-se o núcleo de uma relação livre entre seres diferentes, embutidos em suas próprias histórias, bem como na preocupação e cuidado com a sua vida individual e social. Assim, o filósofo Sul-Africano, Lucas Introna coloca da seguinte forma:

⁶ *Social Media World Africa* 2012, Disponível em: <http://www.terrapinn.com/2012/internet-show-africa/social-media-world-africa.stm>.

Sempre que nos encontramos nos encontramos preocupados com o curso da nossa existência - nos preocupamos com isso. Não apenas para sobreviver, mas para ser alguém ou algo em particular (pai, marido, gerente, líder, artista, etc.) (INTRONA, 2007, p. 98).

O que nos interessa, como indivíduos e como comunidades surge no horizonte de cuidados divulgados em um mundo compartilhado. É este horizonte aberto de um mundo compartilhado que nos permite não só ver as diferenças culturais entre o que somos, mas também os vários assuntos que nos preocupa.

Ser uma comunidade significa compartilhar um mundo; compartilhar um mundo que já tem um horizonte de interesse comum (ou cuidar ou se importar). Esta preocupação comum é o horizonte em curso e através do qual as coisas se mostram tão significativas, importantes, relevantes, etc, - ou seja, mostrar-se como algo que importa (INTRONA, 2007, p. 99).

Se não somos capazes de perceber-nos como sendo originalmente juntos e lidar com preocupações comuns dentro de um mundo compartilhado, podemos esperar "mais da tecnologia e menos uns dos outros", já que nos falta não só os outros, mas também abertura no mundo para que tenhamos um substituto digital em vez de compreendê-la como é, ou seja, um mundo cibernético. Visto desta perspectiva, a ascensão das RSO é uma consequência da modernidade em sua forma digital atual. As RSO são eticamente ambíguas. Elas refletem uma forma digitalmente reificada de um eu ou uma comunidade compartilhar todos os tipos de preocupações, práticas, valores e regras de comportamento no mundo físico, mas também pode ser entendido - principalmente, mas não exclusivamente, nas culturas ocidentais - como a falta no mundo real onde esperamos conhecer outras pessoas e fazer amigos, da forma mais rápida e fácil possível. Essas formas de compreendermos a nós mesmos e as nossas regras habituais de comportamento nos confrontam com as novas técnicas de interação cultural. Poderíamos pensar, por exemplo, da tradição Africana de Ubuntu há muito interligada com várias tradições ocidentais e orientais sendo reificados em vários tipos de RSO (CAPURRO, 2007).

Estamos apenas no início de uma análise fenomenológica aprofundada de tais percepções culturais do mundo cibernético e das diferentes maneiras de estar sozinho em conjunto, ou não, tanto no mundo físico quanto no cibernético. O *cyberworld* no qual as RSO estão incorporados pode ser visto como uma conveniência e benefício, bem como perigo que os sintomas revelam de vários tipos de patologias individuais e sociais (CAPURRO, 2012). Contudo, o fenômeno de *ficar só em conjunto* pode também ser entendido de uma forma e um sentido mais fundamentais, ou seja, como a possibilidade de nós seres humanos enfrentamos a impossibilidade de estar juntos na construção de uma unidade perfeita, não só um com o outro - uma questão muito discutida desde Aristóteles, em Platão "*Symposium*" -, mas também com o mundo. Estar *todos juntos* significa então a experiência do mundo como um lugar misterioso revelado por um modo existencial de solidão, onde nem eu nem os outros, nem qualquer explicação científica ou dispositivo técnico pode servir como uma âncora diante de sua faticidade.

O filósofo Santiago Zabala apontou para a diferença entre *estar online* e *estar conectado* como duas possibilidades para existir no mundo cibernético, onde *estar online* significa existir dentro das oportunidades e limitações de um RSO em contraste a *estar on-line*, usando tipos diferentes de serviços online de forma esporádica, como e-mail. Ele escreve:

Para o Ocidente conectado, o perigo da Internet não está em ficar louco devido muitas horas passadas na Internet, embora isso esteja se tornando mais comum, mas ao considerar uma existência conectada transparente, livre e vital para a sua vida, em vez de uma ameaça ativa. Estar conectado garante uma identidade na web, ou seja, uma posição no novo mundo conectado, também molda sua existência dentro das possibilidades e limitações da web. É por isso que Tim Berners-Lee, um dos fundadores da web, recentemente afirmou que "quanto mais você entra, mais você se torna trancado. O seu site de rede social se torna um centro, uma plataforma de um silo fechado de conteúdo, e que não lhe dá o controle total sobre suas informações nele". Uma vida autônoma no século XXI dependerá das distâncias que consegue gerenciar e manter a partir da política de controle (ZABALA, 2012)

Zabala, seguindo Tim Berners-Lee, deixa evidente onde está a principal questão ética das RSO, ou seja, está na questão da liberdade e do controle. Esta é uma questão que diz respeito a ambos: os indivíduos em sua vida cotidiana e em sociedades inteiras, uma vez que especialmente em ambos os casos suas vidas conectadas se tornam dependentes dos valores e regras de comportamento de uma empresa privada, como o *Facebook*. A liberdade de esconder e revelar quem somos, como indivíduos, grupos ou toda uma sociedade, torna-se então uma questão de vigilância e controle por parte dos proprietários de monopólios tais como as RSO (YORK, 2011). É por isso que a pergunta sobre privacidade e publicidade é tão importante para o atual debate ético sobre RSO, a futura configuração do mundo cibernético e sua relação com o mundo físico (TREPTE; REINECKE, 2011). É importante estar ciente de que RSO predominantes hoje, como *Facebook*, representam apenas uma configuração possível para ciber-redes sociais. *Facebook* bem como empresas similares não estão interessados em questões de privacidade, porque o seu negócio de marketing principal é baseado na posse de informações de seus clientes livremente revelados por eles mesmos. Os usuários menos sabem sobre as práticas de negócios desse tipo, e mais o *Facebook* lhes dá a impressão de lhes permitir livremente '*design*' à sua privacidade, a dependência se torna mais oculta. É correto afirmar que no aspecto legal a organização está em conformidade com as leis do país da empresa de origem. A dependência se torna escondida especialmente porque os usuários têm a sensação de estarem livres para esconder e revelar o que querem sobre si mesmos. Eles também sentem que têm o poder de esquecer, isto é, o poder para apagar o que uma vez revelado e agora considerado como *revelação exagerada*. Esta ambiguidade ética de RSO populares, como o *Facebook*, é uma razão para o que Michelle Oosthuyzen, em sua revisão de Geert Lovinks, *Networks Without a Cause* (LOVINK, 2011), chama de "o poder sedutor do *Facebook*".

Também bloqueado no design do Facebook é o paradoxo da liberdade, em que os indivíduos não são apenas enganados, mas também se enganam ao acreditar que eles são livres para criar e descobrir sua identidade no Facebook, quando, pelo contrário eles são prisioneiros das limitações de projeto no Facebook em uma gama de opções pré-definidas, sentenciadas com a carga e a ilusão de infinitas possibilidades de se tornar um eu mais verdadeiro. Da mesma forma a liberdade de conectar-se a centenas de pessoas na própria rede social, eventualmente, leva ao constrangimento de ter que literalmente pagar com o nosso precioso tempo e atenção.

Não devemos confiar no Facebook como um espaço social saudável que reflete nossas necessidades sociais. Em vez disso, essas redes refletem as normas sociais de acordo com as quais os usuários devem se comportar, que possam garantir a arquitetura e a continuação do Facebook (IBRAHIM 2008,

p. 245). Devemos deixar de ser ingênuos em confiar nas empresas comerciais que prestam serviços gratuitos para garantir e proteger nossas normas sociais, mas assumir a responsabilidade de definir e viver de acordo com nossos próprios limites entre o privado e o público, o pessoal e o profissional, em vez de sermos moldados ativamente pelo Facebook. No entanto, devido à ubiquidade e poder de sedução dessas tecnologias sociais, parece ser mais difícil lançar um olhar crítico sobre a nossa responsabilidade em qualquer oposição ou sustentação da norma social de privacidade em evolução (OOSTHUYZEN, 2012).

O Facebook não é um carnívoro, mas um *'sistema que devora dados (datavore)*. Assemelha-se à história de Lewis Carroll (p. 234-236) sobre a morsa, o carpinteiro e as ostras:

"Oh, ostras, venha caminhar com a gente!"
A morsa suplicava.
"Um passeio agradável, uma conversa agradável,
Ao longo da praia salgada
[...]
"Oh, ostras", disse o carpinteiro,
"Você fez uma corrida agradável!
Vamos trotar para casa novamente? "
Mas a resposta não veio -
E isto foi muito estranho, porque
Eles tinham comido cada um. "

Onde a morsa é Mark Zuckerberg, o Carpinteiro é o programador, e as ostras são os mesmos que os seguem. O que podemos aprender com essa história das RSO? "Nunca dê a Sucker um ponto de equilíbrio" (WC FIELDS).

Nós, como seres, somos construídos sobre o que Michel Foucault chamou de "técnicas de si-mesmo" (FOUCAULT, 1988), que nos permitem não só conhecer melhor quem somos, mas também a pensar sobre o que queremos ser (CAPURRO, 1996; 2005). A interação humana é baseada na confiança mútua, isto é, sobre as normas de *fair play* e estima recíproca, da autodeterminação e da igualdade de oportunidades, do consentimento informado e da participação social e política. No outro extremo do espectro está o jogo sujo humano, onde nós temos desconfiança, dependência, manipulação, opressão e controle social, para citar apenas alguns fenômenos de degradação de uma vida humana e bem-estar. Moldar a nós mesmos como indivíduos e como sociedades é um processo complexo, arriscado e sem fim com base em múltiplos fatores e práticas de vida que nos permitem criticar teórica e praticamente a falácia da oposição "estar sozinho" e "estar juntos". Eles nos permitem também reconhecer e estimar a diversidade de eus compartilhados de um mundo comum com o qual devemos nos importar (CAPURRO, 2012).

4 PERSPECTIVA

Durante a preparação da oficina pré-conferência *The Africa Network for Information Ethics* (ANIE), que teve lugar em Nairobi, no período de 2 a 3 de junho de 2012, Dennis Ocholla escreveu os seguintes comentários sobre as perguntas que me ocorreram ao pensar nas RSO na África:

Caro Rafael, você está levantando questões muito interessantes das quais a maioria não pode ser respondida por minha geração e nem pelos mais velhos (tampouco pelas mais jovens) na África sem uma boa pesquisa. Por

exemplo, quando eu olho para mim, mesmo agora que estou em licença sabática, eu não me vejo interagindo bastante com mídias sociais como meus filhos, de 28 e 20 de idade fazem. Eu sempre acho que eles podem (especialmente o mais jovem) dar uma palestra sobre mídias sociais e - se dirigido corretamente - dar uma visão forte em suas questões e problemas éticos. Eu também acho que nós (mais velhos) também podemos nos envolver com este meio intensivamente para fins de pesquisa. Teria sido ideal obter algum estudo Africano destes meios para a oficina, como você sugeriu antes, mesmo um levantamento rápido para dar dicas sobre a situação atual e os problemas. Estive pensando sobre esta abordagem por vários dias (à procura de colaboradores) (OCHOLLA, comunicação pessoal, 6 de Fevereiro 2012).

Dennis está perfeitamente certo em apontar não só para a questão das diferenças na percepção da mídia social entre as gerações, mas também para o fato de que precisamos de tempo para pensar juntos sobre estas questões. Pensamento precisa de tempo. Ele não pode ser feito sob pressão ou por comando. Também precisa de laços de amizade que não podem ser amarrados por meio digital: "eu gosto de você" *enter*. Uma comunidade acadêmica que não tem amizade termina na sensação de estar sozinha ou em várias formas de vaidade e desconfiança. É por isso que a ANIE não é apenas um *site* e nós, os membros da ANIE não são apenas digitalmente conectados, mas se reúnem regularmente face-a-face e usam o tempo para entender e estimar melhor uns aos outros. As reuniões são a alma da ANIE. Elas são uma alma africana, o que significa que estamos comprometidos com as questões de interesse das pessoas deste continente, com a sua longa e complexa história que precisa ser recuperada e outra vez para ser capaz de entender as necessidades de hoje e as escolhas de amanhã.

Nenhuma tecnologia é livre de valores. Está sempre situada dentro de um dado contexto, aberto a vários tipos de evolução de um processo aberto e suscetível de avaliação individual e social. O papel da ética é abrir um espaço de reflexão para olhar para trás e para a frente sobre a vida humana que está sempre moldada por si mesma em um processo de estimação e confiança mútua, tendo o cuidado de um mundo compartilhado, ou seja, um lugar comum, uma história comum, um cuidado comum para as necessidades presentes e opções futuras. Estar sob a pressão de opções tecnológicas, nós, como os responsáveis pela tarefa de pensar, nomeadamente no âmbito das instituições acadêmicas, devemos tentar usar nosso tempo para olhar para trás, os pressupostos que são as condições para nosso presente e de percepção do que é "novo" em relação ao que é "velho". Precisamos refletir sobre *o que e por que* devemos manter ou mudar esta ou aquela prática ou costume na vida. Esta é a única maneira, por meio da qual podemos moldar como indivíduos e como sociedade a nós mesmos, descobrir e desenvolver novas formas de ser humano, enriquecendo a diversidade humana, com a singularidade de cada vida humana como um indivíduo e como comunidade. Em ambos os casos, a memória cultural é uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento de uma sociedade livre, porque na medida em que entendemos como nos tornamos o que somos hoje, somos capazes de ver e avaliar as novas opções com seus riscos e oportunidades. Elas estão sempre relacionadas a uma interação social específica e não pode ser decidido por outros em nosso nome, ou sem o nosso consentimento, mesmo sabendo que é isso que acontece na maioria das vezes em muitas áreas e situações. A tarefa da ética é, novamente, uma tarefa crítica que deve nos ajudar a apontar para tais situações de alienação e opressão.

A partir desta perspectiva, o debate sobre a tecnologia da informação em geral, e sobre as RSO em particular, é um debate sobre identidades africanas decorrentes de processos de mútuo respeito ou desrespeito, e também das capacidades sociais, ambientes naturais, históricas e culturais dos povos africanos. A África é um velho e jovem continente, cheio de pessoas com idéias inovadoras e aspirações, especialmente em universidades africanas, como

pode ser vivido todos os dias em seus institutos. Nossa comunidade deve lhes oferecer um livre espaço para pensar sobre suas vidas, recuperando seu passado e avaliando as opções de presente e futuro. Juntos devemos tentar desenvolver uma agenda de pesquisa para a ética da informação na África e convidar nossos estudantes para participarem de pesquisas éticas que lidam com grandes questões: Quem somos nós agora, como africanos? E o que queremos ser no futuro? Na introdução de seu livro, "Redes sem causa", Geert Lovink escreve: "uma vez que a *Internet* mudou o mundo, agora o mundo está mudando a *Internet*" (LOVINK, 2011, p. 1). Assim, espero que os africanos em breve sejam capazes de dizer: "uma vez as RSO mudaram os africanos, agora os africanos estão mudando as RSO".

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Michael Eldred (Colônia) por fornecer ideias substanciais para este artigo. Agradeço também aos meus colegas africanos Johannes Britz, Coetzee Bester, Dennis Ocholla, Theo Bothma e Stephen Mutula por suas questões e ideias.

ETHICAL ISSUES OF ONLINE SOCIAL NETWORKS IN AFRICA

Abstract

Ethical Issues of Online Social Networks (OSN) are at the center of the debate on information societies. Thus, from an ethical perspective of the OSN, we study how Africans freely shape their identities in the cyber world as the RSO and influence your life in the physical world. Presents a brief account of the OSN in Africa. Focuses on the OSN from a phenomenological perspective and ethics. From this perspective, attentive to the role of the African Network for Information Ethics and the newly established Center of Excellence for Information Ethics in Africa, University of Pretoria aimed at contributing to the building of a research community in teaching information and ethical issues in Africa.

Keywords: *Ethics. Online Social Networks. Online Social Networks in Africa.*

Artigo recebido em 01/08/2012 e aceito para publicação em 26/11/2012

REFERÊNCIAS

BUCHMANN, Johannes (Ed.). **Internet Privacy** – Eine multidisziplinäre Bestandsaufnahme/A Multidisciplinary Analysis. Berlin: Springer, 2012.

CAPURRO, Rafael. Information technologies and technologies of the self. In: **Journal of Information Ethics**, v. 5, n. 2, p. 19-28, 1996.

_____. Passions of the internet. In: PALAVER, Wolfgang; STEINMAIR-PÖSEL, Petra (Ed.). **Passions in Economy, Politics, and the Media**. Discussion with Christian Theology. Vienna: Lit, p. 331-343, 2005.

_____. Information Ethics for and from Africa. **International Review for Information Ethics - IRIE**, v. 7, 2007.

_____. **Medicine 2.0.** Reflections on a pathology of the information society. (forthcoming), 2012.

CAPURRO, Rafael; ELDRED, Michael; NAGEL, Daniel. **Digital whoness:** identity, privacy and freedom in the cyberworld (forthcoming), 2013.

CARROLL, Lewis. **The Annotated Alice.** Alice's Adventures in wonderland & through the looking glass. New York: Bramhall House, 1960.

ESSOUNGOU, André-Michel. Young Africans put technology to new uses. Kenyan software a tool for political participation. In: **Africa Renewal**, v. 24, n. 1, April, 2010. Disponible: <http://www.un.org/en/africarenewal/vol24no1/ushahidi.html>.

_____. A social media boom begins in Africa: using mobile phones, Africans join the global conversation. In: **Africa Renewal**, v. 24, n. 4, December, 2010a. Disponible: <http://www.un.org/en/africarenewal/vol24no4/social-media-boom.html>.

FOUCAULT, Michel. **Technologies of the Self.** A seminar with Michel Foucault. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1988.

INTRONA, Lucas (2007). Virtual Strangers – On the Social and Ethical Conditions of Virtual Communities. In: CAPURRO, Rafael, FRÜHBAUER, Johannes; HAUSMANNINGER, Thomas (Ed.). **Localizing the Internet:** ethical aspects in intercultural perspective. Munich: Fink, p. 95-108, 2007.

KATLIC, Tim. Facebook user growth rates in Africa (June 2010 – December 2011). In: **oAfrica**, 2012. Disponible: <http://www.oafrica.com/statistics/facebook-user-growth-rates-in-africa-june-2010-december-2011/>.

LOVINK, Geert. **Networks Without a Cause.** A Critique of Social Media. Cambridge: Polity Press, 2011.

MARTURANO, Antonio. Ethics of Online Social Networks. In: **International Review of Information Ethics - IRIE**, v. 16, December 2011. Disponible: <http://www.i-r-i-e.net/issue16.htm>.

MUTUA, Will. **Africa Facebook Phenomenon Nigeria, Kenya, South Africa.** In: Afrinnovator, January, 4, 2011.

MUTULA, Stephen. Information ethics issues: implications for Africa. In: OCHOLLA, Dennis; BRITZ, Johannes; BESTER, Coetzee; CAPURRO, Rafael (Ed.). **A Handbook of Informtion Ethics in Africa.** 2013. (in print).

NAGEL, Daniel; RATH, Matthias; ZIMMER, Michael. Ethics of Secrecy. In: International Review of Information Ethics - IRIE, v. 17, July/2012. Disponible: <http://www.i-r-i-e.net/archive.htm>.

NISSENBAUM, Helen. **Privacy in context.** Technology, Policy, and the Integrity of Social Life. Stanford: Stanford University Press, 2010.

OOSTHUYZEN, Michelle. **The seductive power of Facebook.** May, 24, 2012. Disponible: <http://networkcultures.org/wpmu/unlikeus/2012/05/24/the-seductive-power-of-facebook/>.

SEIBT, Sébastien. **First Twitter map of Africa reveals a connected continent.** In: France 24, International news, 27 jan. 2012. Disponible: <http://www.france24.com/en/20120127-africa-twitter-smartphone-map>.

TREPTE, Sabine; REINECKE, Leonard (Ed.). **Privacy online.** Perspectives on Privacy and Self-Disclosure in the Social Web. Heidelberg: Springer, 2011.

TURKLE, Sherry. **Alone Together**. Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. New York: Basic Books, 2011.

YORK, Jillian, C. **Policing content on social media sites**. The Internet acts like a new global commons, but crucial platforms are privately owned and subject to corporate rules. In: Al Jazeera April 17, 2011. Disponível: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/04/2011415163925142771.html>.

ZABALA, Santiago. **I'm wired, therefore I exist**. But has your existence started to belong to others? In: New Statesman, 29 July, 2012. Disponível: <http://www.newstatesman.com/sci-tech/sci-tech/2012/07/im-wired-therefore-i-exist>.